

Literaturas de Língua Portuguesa : uma abordagem Multicultural e Intercultural ou a Cor do som

Este artigo é dedicado ao Hernâni, ao Ari
e a todos os alunos e professores da E.S.Sobreda
que nasceram em África, Brasil,? em outros lugares?

*"A fraternidade das palavras
O céu
é uma m'benga
onde todos os braços das mamas
repisam os bagos das estrelas.*

*Amigos
as palavras mesmo estranhas
se têm música verdadeira
só precisam de quem as toque
ao mesmo ritmo para serem
todas irmãs.*

*E eis que num espasmo
de harmonia como todas as coisas
palavras rongas e algarvias ganguissam
neste satanhoco papel
e recombinaem em poema."*

José Craveirinha, poeta moçambicano, sec. XX

*"(?)
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram,
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta."*

Camões, Os Lusíadas, Canto I

Se me permitem, começarei por uma pergunta : o que há de comum entre estes três textos ? Demasiado fácil, não é ? A Língua portuguesa ! Pergunta desinteressante, pensarão talvez. Então, proponho outro desafio : em vez de pensarmos no que é igual, pensemos no que é diferente. Aposto que ficaremos, todos, muito mais enriquecidos. Ainda bem.

O meu antecessor nestas páginas da Lusolândia lembrou e muito bem que este espaço não pretende defender a Língua Portuguesa pois ninguém está a atacá-la. Ainda bem, mais uma vez. Agora, eu reitero as suas palavras e afirmo que o meu objectivo é, tão somente, relembrar que, além de uma Literatura Portuguesa, há uma Literatura de Língua Portuguesa. O desconhecimento que os leitores em geral (e eu incluída) têm desta literatura é quase proporcional à sua riqueza e qualidade.

Mas, afinal, o que é que compõe esta literatura ? Toda a produção literária dos países de expressão portuguesa : Brasil, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe,? É uma literatura diferente, pois sim, pois diferentes são também as culturas no seio das quais foi produzida. E é precisamente por esse motivo que escolhi falar sobre ela.

Cada vez mais nos confrontamos com a necessidade de comunicarmos nas nossas escolas com jovens que circunstâncias diversas retiraram do seu país africano. Ou, mesmo que já tenham nascido em Portugal, viveram

grande parte das suas vidas em ambientes cuja cultura é distinta da "nossa" e, por vezes, tão incompreendida. Penso que há um longo caminho a percorrer. Como professora de Português, é minha função ensinar a norma e explicar, por exemplo, que a frase "*Procurei-lhe por toda a parte, mas não encontrei o Zé.*" está incorrecta e que devíamos escrever "*Procurei-o*"? Quantas vezes dizemos "Está errado!", "Não é assim." Ora, estou em crer que, muitas vezes, há um abandono de determinados alunos. Abandonamo-los nós e abandonam-nos eles a nós. E, o pior, abandonam-se a si próprios quando escolhem esquecer ou esconder a sua cultura de origem e, rapidamente, se "americanizam" pois, assim, serão mais rapidamente aceites. E lá estamos na cultura dos "boys"! E falhou a comunicação.

Não queria acabar sem abordar a questão por um prisma ligeiramente diferente. Pelo menos desde a última Reforma Educativa que os Programas de Português do Ensino Básico e Secundário propõem, como leituras extensivas ou complementares, obras de literatura brasileira ou africana de expressão portuguesa. Mas, depois do ensino dos "cânones" sobrar tempo para os "extras" ? E o desejo, onde fica ? E o apetite do público (leia-se jovens leitores) onde fica ? Pela, minha parte, desde aquela vez em que antecipei, num sétimo ano de escolaridade, o Gato Malhado e Andorinha Sinhá de Jorge Amado que fiquei com um gostinho nos lábios. E? depois ?!

Só faço um apelo : descubram, também, a literatura africana de expressão portuguesa e a literatura brasileira. Comecem pelas canções, se quiserem. Pelas telenovelas, se tiver mesmo que ser. E descobrirão que "Mha crecheu" significa "meu bem" e que Castro Alves foi um poeta do Romantismo brasileiro que se insurgiu contra a escravatura e de que alguém falou numa TV privada num dia destes. Em horário nobre. Mas, só para ouvidos atentos (os de uma aluna minha, graças a Deus !).

"E de súbito pediu-lhe :

«Moço, canta Hora di Bai.»

Chico deitou um olhar abusado à moça e , de seu modo trocista, deu-lhe vontade de a engonear : «Milho alheado é sabe e doce / quanto mais com chicharrim.»

«Deixa de disparate. Canta Hora di bai.»

«Hora di bai ? Bô crê bá comigo ?»

Manuel Ferreira, Hora di bai, Cabo Verde

Teresa Brito